

RESENHA

JASPERS, Karl. **O médico na era da técnica**. Lisboa: Edições 70, 1998.

*José Maurício de Carvalho**

O livro é uma tradução portuguesa da obra original intitulada *Der Arzt in Technischen Zeitalter*, editado em Munique, Alemanha, em 1986. Trata-se de obra póstuma dividida em duas partes. A primeira reúne ensaios e conferências pronunciadas pelo autor, a segunda reproduz dois capítulos retirados de *Psicopatologia Geral*, editada no Brasil em 1979, pela Livraria Atheneu, do Rio de Janeiro. O livro soma-se a outros textos do autor dedicados à Psicologia Existencial, sempre pensada a partir da fenomenologia existencial. Na primeira parte está a conferência que dá nome a obra: *O médico na era da técnica*.

O capítulo inicial da primeira parte é a transcrição de uma conferência proferida na *Jornada Médica Suíça* em 1953, intitulada *A ideia do médico*. Nele o filósofo afirma que os procedimentos médicos se baseiam em dois pilares: o conhecimento técnico e um *ethos* de humanidade. O primeiro dos pilares é claramente compreendido por todos, refere-se ao conhecimento das técnicas de diagnóstico e tratamento das doenças, assim a conferência centra-se no segundo. Por *ethos* de humanidade o filósofo entende o destino comum dos homens por conta da racionalidade compartilhada, o que “pressupõe que o médico e o doente vivam ambos na maturidade da razão e da humanidade” (p. 9). Contudo, a circunstância da doença dificulta um contato pautado na liberdade existencial, pois “a ansiedade do doente contra toda razão, quer certeza” (p. 10), que o médico não possui e não tem como oferecer. Se esta situação é comum na clínica de doenças somáticas, é ainda mais crítica na psicoterapia. No entanto, também na psicoterapia, terapeuta e cliente possuem características comuns nascidas da racionalidade compartilhada. Jaspers aponta dois aspectos que revelam

* Professor de Filosofia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Doutor em Filosofia pela Universidade Gama Filho (UGF). Pós-doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e na Universidade Nova de Lisboa/Portugal. E-mail: mauricio@ufsj.edu.br

este destino comum, o uso da liberdade na condução da vida, fato que transcende a técnica psicoterápica, e a obrigação do psicoterapeuta buscar para si o autoesclarecimento que ele pretende do cliente. Os dois aspectos tornam o clínico um companheiro de destino do seu cliente, o coloca lado a lado com ele “razão com razão, homem com homem” (p. 17). O que parece ser a marca central deste capítulo é que o *ethos* de uma humanidade comum não pode ser eliminado do procedimento médico e da psicoterapia. Nem um nem outra se limitam à aplicação isenta de uma técnica.

O capítulo seguinte foi retirado do livro *Verdade e Conservação*, publicado em Munique em 1983. Ele foi denominado *Médico e Paciente* e examina as formas de relação que se estabelecem entre esses dois agentes sociais. Há pacientes que “se entregam cegamente ao médico numa confiança ilimitada, outros estão com ele numa confiança de saber partilhado” (p. 19). A compreensão moderna de que a doença é um fenômeno natural permite que relação médico-paciente se pautem pela racionalidade, superando a tese antiga de que a doença seria consequência do pecado, possessão demoníaca ou imperfeição moral. Este fato já reconhecido na medicina somática possui contornos próprios nos problemas psíquicos, onde é mais difícil definir procedimentos objetivos e metas de tratamento. A complicação decorre da necessidade do procedimento psicoterápico precisar ser objetivo, mas de envolver a existência do paciente cuja liberdade não é descartável. Como técnica, a “terapia permanece fundamentalmente uma tentativa fundada no conhecimento válido até o momento” (p. 26). O risco do procedimento é tomar por objeto um estar doente e intervir na liberdade do cliente. Assim, o psicoterapeuta tem por desafio distinguir as causas dos transtornos psíquicos daquelas experiências limites “nobres e vulgares, profundas do ser-homem e interesses corriqueiros de proveito e prazer que não são, enquanto tais, assunto médico” (p. 31). Não basta na psicoterapia a cura de sintomas ou enfrentamento das dores emocionais, mas “a restauração do homem no seu todo” (p. 32). O fato indica a necessidade de uma relação empática e respeitosa do caminho vital e das escolhas do paciente. Nesta atitude respeitosa do psicoterapeuta pela liberdade do cliente, o autor entende estarem as melhores perspectivas de evitar a psiquificação do mundo, fenômeno de transposição categorial que deve ser evitado. Esse problema está relacionado à universalização da psicanálise quando se identifica em outros estratos da realidade uma motivação psíquica. O

assunto fica agravado pelo treinamento didático do analista que é menos científico que um ato de fé. Quem não acredita na interpretação ortodoxa não se torna analista. Enfim, pelas razões enumeradas, o paciente não pode entregar a direção de sua vida ao terapeuta. Fazê-lo seria a substituição do antigo confessor pelo psicoterapeuta e a renovação da dependência intelectual condenada por Kant no ensaio *Resposta à pergunta o que é o esclarecimento?* Naquele texto, Kant denomina menoridade e falta de coragem a incapacidade de servir-se da própria razão nas escolhas que dirigem a vida. O que está na base deste procedimento terapêutico é a noção fundamental da fenomenologia, a vida humana é a vida de cada um.

O terceiro capítulo dá nome ao livro: *O médico na era da técnica*. Ele foi originalmente uma conferência pronunciada no centésimo *Congresso da sociedade alemã de cientistas da natureza* realizada em Wiesbaden, no ano de 1958. Nele, Karl Jaspers discute o progresso do poder médico na modernidade, fenômeno mais acentuado a partir do século XIX. Apesar do maior conhecimento dos mecanismos da doença na contemporaneidade, médico e paciente encontram-se nas mãos de interesses poderosos dos laboratórios farmacêuticos, Caixa de Previdência, Seguros de Saúde que intervêm nas relações médico-paciente. Embora reconheça a competência técnica de outros profissionais na gerência das organizações de saúde, entende que cabe ao médico escolher o procedimento adequado a realizar com seu paciente. Outro problema que ele discute no capítulo é a diferença na atuação entre o pesquisador médico e o clínico: “um corresponde à ciência da natureza como fazer técnico, o outro corresponde à biologia, como um escutar a própria vida” (p. 46). Da diferença de objetivos entre eles nasce a diversidade de procedimentos, um mais preocupado com a consolidação do progresso científico em técnicas mensuráveis, o outro mais ocupado em resolver os problemas do paciente. Essa dificuldade é ainda maior no caso dos transtornos psíquicos onde o psicoterapeuta tem de se concentrar na compreensão dos fatos psicológicos do seu cliente. A pesquisa natural examinará os processos orgânicos e químicos associados a um transtorno qualquer, mas não propriamente a história de vida singular do paciente, aquilo que o faz ver o mundo de forma única e pode ser a chave para libertá-lo dos nós existenciais. Este problema ficou mais evidente depois que a psicanálise revelou a importância de se estar atento à história de vida do paciente. A psicologia existencial tomou a historicidade da pessoa como

base para o planejamento clínico. A contribuição de Freud não revelou de imediato toda sua força porque ele ainda estava muito preocupado com a metodologia naturalista, fato que o afastou de uma atitude crítica dos conhecimentos que acumula e da eficácia prática desses procedimentos. Uma melhor compreensão da existência pessoal e dela na vida psíquica é obra da psicologia fenomenológica. Chega termina o capítulo com três conclusões: o aumento do poder das organizações de saúde afeta, frequentemente, os procedimentos recomendados pelos médicos; segunda: o progresso científico muitas vezes “violenta a terapia e os pacientes com teorias que restringem o espírito e a alma” (p. 56) e terceira: o poder médico cria distorções pela falta de conhecimento ou de profundidade de questões filosóficas. Esclarece o autor que sem conhecimento filosófico não podemos, nos limites da medicina científico-natural, evitar os abusos do poder técnico.

O último capítulo da primeira parte tem por título *Para uma crítica da psicanálise*. Como o segundo capítulo foi retirado de *Verdade e Conservação*. Nesse capítulo ele retoma questões já debatidas no capítulo VIII da *Introdução ao pensamento filosófico* e dos livros: *Razão e Contra-Razão no nosso tempo* e *Psicologia das concepções de mundo*, além de outros textos menores. Destaca a importância da psicanálise no enfrentamento de uma época de mentiras. É importante lançar luzes naquele lado escuro da personalidade que gostamos de ocultar até de nós mesmos. Ele critica na psicanálise, em contrapartida, a falta de preocupação com a compreensão do sentido vital, que é diverso de explicações causais. Isso faz que se chegue ao psíquico pela “tradução do anímico para o corporal, do sentido para o acontecer corporal alheio ao sentido, ou para os mecanismos psíquicos das neuroses obsessivas, esquizofrenias e coisas do gênero” (p. 61). Outro problema é que a psicanálise, acompanhando a ciência naturalista, tem a “pretensão de um saber total do homem, de sua substância íntima, que sente ainda antes da separação em corpo e alma” (p. 62). A consequência é que a doença emerge como culpa, além de sugerir uma representação de perfeição humana identificada com a saúde, aliás, praticamente inalcançável ao homem comum. Some-se a tudo isto o tratamento obrigatório oferecido ao futuro analista que “nele incrusta tão fundo as visões de fê no contexto da própria existência que elas, em caso de sucesso, ficam seriamente fixas e transformam quem foi assim iniciado

num apropriado correligionário da planeada corporação” (p. 64). Cria-se, desse modo, uma exigência de fidelidade inadequada à livre investigação. Conclui Jaspers que é preciso distinguir as contribuições legítimas da psicanálise das atitudes limitadoras do sentido da existência humana.

A segunda parte do livro tem dois capítulos que foram retirados da *Psicopatologia Geral*. O primeiro denominado *Psicoterapia* enumera os “diferentes métodos de tratamento que atuam sobre a alma ou sobre o corpo com meios que se dirigem à alma” (p. 73). São muitos esses métodos incluindo-se os de sugestão, catárticos ou com algum tipo de ab-reação, de educação e com exigência da própria personalidade. O último é o que o autor realça por conta de sua dificuldade. Esclarece Jaspers: “É raro num paciente que ele, por assim dizer, se identifique completamente com seu próprio inconsciente, com os seus instintos e sentimentos” (p. 77). O método pretende, então, propiciar o autoesclarecimento o que significa ajudar o doente a se tornar transparente para ele mesmo. Ele precisará reconhecer o que lhe parece mais essencial e a partir daí traçar o rumo da própria existência. “A sua resolução existencial é a origem última de um itinerário de vida real” (p. 79). O que é preciso evitar é que nós existenciais ou a condução de um projeto de vida alheio levem a pessoa para uma direção que lhe faça abertamente infeliz por ser inconsciente das razões.

O último capítulo é denominado *O sentido da prática médica na psicoterapia*. O capítulo começa indicando os aspectos sociais que influem na psicoterapia: o poder do Estado, a religião, as verdades objetivas de uma comunidade e a possibilidade do paciente nortear seu tratamento. Todos esses aspectos devem ser considerados pelo psicoterapeuta em seu trabalho. Em seguida, considera as dificuldades enfrentadas pelo profissional: afastar-se do paciente para assegurar uma neutralidade possível, objetivar as dificuldades do paciente e respeitar sua liberdade. No que se refere às verdades objetivas que o cliente possui, ensina: “Todo tratamento é, ademais, admitido e limitado por uma comunidade de sujeitos enquanto seres da razão, que vivem de uma existência possível” (p. 91). Outra questão importante é a resistência. Submeter-se à terapia psíquica exige superar resistências, a saber: de algo na subjetividade que não se deixa alterar, de algo interiormente plasmável, cujos elementos amedrontam e a dificuldade de submeter o próprio modo de ser a outrem. O sentido da cura na psicoterapia é também controverso, diverge da medicina somática

e depende da proximidade com a posição filosófica adotada. Pode, por exemplo, ser despreocupação e redução da ansiedade, proximidade com a transcendência ou a superação da miséria existencial. Para a psicologia existencial, o homem é a medida de todas as coisas, isto é, do seu mundo. Ele indica ao psicoterapeuta seus conflitos e os modos de lidar com eles. Chega-se, então aos limites da psicoterapia: ela não substitui a vida e não altera o modo de ser originário do homem. Tais dificuldades revelam um propósito singular em curso que é fruto da compreensão de uma época: “a psicoterapia quer ajudar não só nas neuroses, mas o homem na sua necessidade anímica e no seu caráter” (p. 109). Para alimentar um propósito tão elevado, o próprio psicoterapeuta precisa se autoclarificar, descobrindo em si como atuam os impulsos que são ordinariamente ignorados quando se leva a vida no esquecimento de si. Esse esclarecimento é fundamental para que o psicoterapeuta não proponha ao cliente seus próprios valores e seja capaz de observar com isenção o mundo do outro. O que o autor não esclarece é como se processará esta autoclarificação, se como trabalho pessoal de meditação ou com a ajuda de um colega. De um modo ou de outro será preciso fazê-lo. Uma coisa é certa, na formação do psicoterapeuta é importante a Filosofia, pois é preciso uma reflexão antropológica para ajudar a entender a condição humana. Sem esta compreensão o terapeuta não alcançará êxito nos seus trabalhos.

Os capítulos da obra apontam para uma atitude psicoterápica nascida do respeito à liberdade de cada um e a um *ethos* comum de humanidade que faz de todos os homens companheiros de destino. O autor reconhece que cada pessoa constrói um destino particular cuja realização é de responsabilidade própria. Sendo assim, o homem não possui uma perfeição originária e a vida possui um ritmo e contornos próprios. O maior trabalho do psicoterapeuta é descobrir como cada homem construiu o seu mundo para ajudá-lo em sua realidade existencial.

Neste livro, estão novos elementos epistemológicos fundamentais no diálogo entre a meditação filosófica e a psicologia que Karl Jaspers desenvolveu ao longo de sua vida.

Data de registro: 21/03/2011

Data de aceite: 20/04/2011